

A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS COMO MEDIAÇÃO DE CONFLITOS ENTRE ADOLESCENTES E ESCOLA

Aline Vilarinho Montezi (PUC - Campinas)

alinemontezi@hotmail.com

Vera Lúcia Trevisan de Souza (PUC - Campinas)

Agência Financiadora: CNPQ

Conflitos interpessoais na instituição educativa: ética e moralidade na sociedade pós-moderna

O presente relato é parte de um estudo que tem como objetivo utilizar histórias como mediação de conflitos entre os adolescentes e a escola. Como aporte teórico, recorreremos à Psicologia Histórico-Cultural, utilizando os pressupostos de seu principal representante, Vigotski. Nossa investigação foi realizada com adolescentes de uma escola pública do interior de São Paulo, em que foram realizados encontros semanais, em um total de dez, utilizando-se a contação de histórias como mediação. Resultados apontam que as histórias favorecem a expressão dos jovens, sobretudo no que concerne aos conflitos que vivenciam no espaço escolar, visto que os docentes têm dificuldades em propor atividades que incentivem a expressão dos alunos, no âmbito do conhecimento ou dos afetos. Evidencia-se, assim, a necessidade de se criar espaços que favoreçam a imaginação, dando voz aos alunos, pois, ao serem mobilizados, eles se envolvem com as atividades e sentem-se mais à vontade para se expressar o que pensam e sentem, enfrentando, assim, os conflitos em sala de aula. À Psicologia Escolar e Educacional, como área que focaliza as relações entre os sujeitos, cabe intervir no sentido de promover mediações que visem a construção de relacionamentos mais saudáveis no ambiente escolar.

Palavras-chave: psicologia histórico-cultural; mediação; imaginação; adolescência.

INTRODUÇÃO

O estudo que ora apresentamos nasce de questionamentos relacionados à atuação do Psicólogo em contextos escolares, cuja demanda se torna cada vez mais freqüente mediante os conflitos que se apresentam nas relações envolvendo os diferentes sujeitos que habitam a escola. É fato que, se fizermos uma retrospectiva, vemos que a Psicologia reconstruiu suas ações junto às

escolas, não só devido ao amadurecimento da área como ciência que, num primeiro momento, evidenciava o patológico e testes cognitivos, mas também por direcionar o olhar às complexas necessidades que emergiam no cotidiano (ZANELLA e MOLON, 2007).

Nos últimos tempos, é possível perceber inúmeras dificuldades dos profissionais da escola, das mais variadas ordens, que vão desde lidar com as diferenças que constituem os sujeitos e tornar a escola um espaço de relações construtivas, até ensinar, aprender e superar os conflitos que caracterizam a escolarização formal. A partir daí, há uma busca maior pelos Psicólogos em atendê-los, já que estamos construindo um papel de potencializadores da vida, comprometidos com a criação de novas formas de existência singulares e coletivas, nesse caso, em contextos educacionais (Souza, 2009).

Nesse cenário, as dificuldades com os alunos adolescentes não é uma exceção. Se partirmos do pressuposto de que há uma maneira naturalizada de conceber o momento adolecer, bem como atribuições de características estigmatizantes que desvalorizam os jovens na sociedade, essas formas são importantes aliadas para a manutenção de relacionamentos conturbados e prejudiciais com os jovens (CONTINI, 2003).

Partindo da teoria Histórico-Cultural, que adota o materialismo dialético como concepção do humano e método, compreendemos que investigar o jovem contextualizadamente poderia contribuir para novas maneiras de pensar a adolescência e construir outras possibilidades para atendê-lo socialmente, sobretudo no contexto escolar, no qual há uma grande dificuldade expressa pelos professores ao lidarem com os alunos nesse momento do desenvolvimento que, se apresentariam como desinteressados e desmotivados no envolvimento com as práticas de ensino e aprendizagem, o que justificaria o baixo desempenho na apropriação de conteúdos escolares.

Considerando o papel do Psicólogo no contexto escolar e o olhar cuidadoso às relações construídas com os adolescentes na escola, vemos a pertinência de investigar aspectos que evidenciem o potencial de criação dos

jovens, a fim de favorecer um ambiente propício ao desenvolvimento saudável, de modo a ressignificar as relações bem como as representações atribuídas a eles. Para tal, vemos a pertinência de investigar o papel da imaginação na constituição de jovens, sobretudo nas relações que envolvem a aprendizagem na escola através de mediações como as histórias contadas. Assume-se, como perspectiva teórico-metodológica, a psicologia histórico-cultural, que concebe a imaginação como função psicológica superior promotora do desenvolvimento, que se torna meio de ampliação da experiência do sujeito, não restringindo-o ao mundo imediato ou concreto, mas colocando-o em contato com a experiência histórica e social de si próprio e dos outros de suas relações. Essas considerações a respeito da imaginação, enquanto um processo de criação de novas combinações da realidade a partir das interações do indivíduo no meio social, ganham uma ênfase no momento adolecer. Nesse momento acontece uma intensa reestruturação da imaginação, pois “de subjetiva ela se transforma em objetiva” (VYGOTSKI, 2009, p.48).

MÉTODO

O presente trabalho insere-se na abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que visa a estudar a complexidade presente nas relações que se estabelecem na escola e é baseado nos pressupostos metodológicos da Psicologia histórico-cultural, que postula o sujeito como complexo, constituído nas e pelas relações empreendidas no contexto. Trata-se de lançar o olhar para além do evidente, do que se expressa, rumo à explicação dos fenômenos e não apenas da descrição do observável (SOUZA, 2010). Dessa perspectiva, o método tem um duplo desafio: ser ferramenta e resultado da investigação, demandando um trabalho de construção permanente do pesquisador (SOUZA, 2010).

Repousando nesses pressupostos, construímos uma pesquisa-intervenção em uma escola municipal de ensino fundamental, onde nosso grupo de pesquisa realiza trabalhos semelhantes há quatro anos. Dessa forma, fomos

solicitados no início de 2010 para atender a uma demanda dos 6º anos: havia problemas de relacionamento, principalmente de exclusão de alunos com necessidades especiais.

Para viabilizar esse trabalho, montamos uma equipe formada por uma mestranda e uma estagiária do 5º. ano da graduação de Psicologia, com intuito de melhor atender às necessidades apresentadas pela escola. A direção e as profissionais da educação especial nos apresentaram ao professor Sérgio, que tinha preocupação em inovar o método que utiliza durante as aulas. Desde o primeiro contato, ele foi solícito e interessado na proposta da Psicóloga que conduziria as intervenções com os objetivos de pesquisar a imaginação (tema do projeto de mestrado) e atender à demanda apresentada.

Começamos realizando observações das aulas durante um mês para estabelecer um vínculo com os alunos e o professor. Além disso, acreditamos que a complexidade da prática escolar só é apreendida quando vivenciamos o cotidiano, desenvolvendo atividades com alunos, professores, gestão e observando o contexto em diferentes momentos. É nessa vivência que as questões emergem, não sendo, portanto, estabelecidas a priori (SOUZA, 2004).

Nesse período percebemos que os alunos, dentro do possível, participavam das aulas fazendo perguntas e comentários acerca dos temas trabalhados pelo professor Sergio de uma maneira dinâmica, como filmes por exemplo.

Num segundo momento, propusemos um trabalho com os alunos utilizando a contação de histórias, uma vez que acreditamos que elas seriam um importante recurso mediador que poderia mobilizar os afetos e a imaginação (BERNARDES; BORGES; BLATTMAN, 2003). É importante considerar que a opção em utilizar esse recurso faz sentido com a nossa perspectiva, a qual crê que a mediação semiótica e a dialogia no desenvolvimento humano podem contribuir na compreensão da constituição do sujeito. Ou seja, essa constituição está calcada na subjetividade e intersubjetividade, a última compreendida como “espaço em que se dá a constituição do sujeito, viabilizado pela interação mediada

pela linguagem e por meio de seus significados e sentidos.” (SOUZA, 2005, p.36).

Para a aproximação com os alunos, criamos uma história que nos apresentasse e comunicasse a intenção do espaço que seria construído por nós, então pensamos numa organização diferente dentro da sala: um lençol grande e colorido, para que sentássemos em roda e ficássemos mais próximos. A partir daí, todas as vezes que nos encontrávamos para contar histórias, organizávamos a sala e estendíamos o pano.

Para despertar o interesse dos alunos escolhemos histórias que abordassem temáticas que despertassem o interesse deles: de uma autora que escreveu um livro direcionado a público adolescente falando do Sebas (um menino com mais ou menos 13 anos) e sua turma de amigos. Após a contação, conversávamos sobre o que falavam as histórias, o que mais havia chamado a atenção e refletíamos juntos sobre as questões levantadas por eles.

Vale ressaltar que, no quarto encontro dessa etapa, fomos surpreendidas por um movimento de desinteresse dos alunos. Esse fato levou-nos a criar uma estratégia que os mobilizasse de fato: preparamos uma história de terror com luzes e sonoplastia para ser contada na própria classe. Eles foram impactados pelo medo que sentiram e, durante o encontro todo, contaram histórias de terror e expressaram as emoções ao escutar o que contamos. A partir desse momento, nosso relacionamento mudou, pois eles se envolveram mais e se motivaram a criar histórias quando levávamos o gravador.

O número de encontros obedeceu ao combinado com o professor Sérgio, que não poderia ceder todas as suas aulas do semestre. Para encerrá-los, discutimos a necessidade de criarmos algo que representasse o vivido na experiência. Os alunos propuseram que construíssemos um livro com a história da classe do “Professor Sérgio” e combinamos que, num primeiro momento eles contariam a história no gravador, eu escreveria em casa para que, no encontro seguinte, eles a utilizassem para escrever o livro.

Levamos as histórias prontas, impressas em cinco folhas e dividimos a sala em cinco subgrupos para cada um fazer uma parte. Eu e a estudante da graduação acompanhávamos cada um e atendíamos no que fosse necessário. Eles se empenharam na construção do livro e, ao final de três encontros concluímos a proposta.

RESULTADOS E ANÁLISE

Durante os encontros, os alunos criaram várias histórias, mas faremos um recorte apresentando somente duas, para os propósitos desta apresentação.

História 1

“Foi há três mil anos. Quatro adolescentes foram acampar. Não havia nada no local, então um deles se lembrou de uma brincadeira... Era a do copo! Cada um falava o nome com o dedo no copo, fazia uma pergunta e este se movimentava conforme quisesse falar com uma das pessoas. Na hora que a última pessoa foi falar... BUUUUUUUUMMM! (alguém bateu a porta da sala de aula de verdade! Vicente combinou com o amigo) todos gritaram!”

Essa história foi criada no dia em que levamos a de terror, conforme discutimos previamente no método. O cenário proporcionado com luz e sonoplastia permitiu que eles se sentissem mais livres para combinar experiências concretas em situações imaginárias. Cabe, no entanto, refletirmos que mesmo a relação estabelecida por eles das experiências reais com as imaginárias podem ser guiadas por fatores emocionais, tais como o medo vivenciado por eles.

Vygotski (2009) diz que, no âmbito das emoções, é possível compreender duas relações: tanto da fantasia guiada pelo fator emocional que constituirá o tipo de imaginação mais subjetivo, como o sentimento influenciado pela imaginação. Para o autor, as criações contêm em si elementos afetivos, ou seja,

qualquer construção da fantasia influi inversamente sobre nossos sentimentos e, pelo fato dessa construção por si só não corresponder à realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa e dela se apossa.

A partir desse momento, nossa relação mudou: sentimentos foram acionados através da imaginação que provocaram a ressignificação da relação que eles mantinham com o nosso espaço. A participação deles cresceu significativamente e, cada vez mais, eles se sentiam à vontade para criar histórias, ou seja, o fato de se sentirem autores, provavelmente influenciou-os na idéia de escrever um livro para finalizarmos nossos encontros e querer mostrar para a escola toda, inclusive para os diretores. A obra narrava o seguinte:

“Era uma vez um castelo que havia pessoas mutantes e cada um tinha o seu poder. Era tipo uma escola de aprendizado e havia 31 alunos e cada um tinha um poder. Nessa escola tinha vários tipos de mutação como: dragão, bruxo, bruxa, múmia, vampiro, lobisomen, zumbi, chupacabra. Aí apareceu um professor invisível, o nome dele era Nelson. Esse professor queria ajudar a classe, porque o 6. C era a classe mais encapetada, nem o diretor que era o mais poderoso não podia ver a sala. A maioria dos alunos não suportava um professor chamado Carlos, porque ninguém gostava de Matemática. Tinha um outro professor que era vampiro, o nome dele era Marcelo e ele falava que ia dar uma mordida em nós. Mas como essa classe era terrível, nem o diretor mexia com ela, um dia ele mandou fazer uma reunião de pais. Então todos se reuniram na quadra e era bruxa que voava em uma vassoura, vampiro que se transformava, macumbeira, era tudo! Aí o diretor chegou e falou: em tantas aberrações, resolvemos fazer uma reunião porque a classe do 6º. C está muito terrível, nem eu que sou o diretor e tenho o poder maior do mundo, não consigo controlar. Então eu peço para que os pais se manifestem. Aí o pai de um aluno levantou-se e disse: Diretor, por que o senhor não manda fazer um caixão para deixar os alunos ruins trancados durante um ano? E aí um

pai que era um deus se manifestou e o chão tremeu: Nossos filhos têm que ficar nessa escola!”

Vygotski (2009), nosso principal interlocutor, lança a idéia de imaginação sustentada num processo de recombinação constante de elementos da realidade a partir da interação dos indivíduos no meio social. E, na adolescência, isso ganha mais ênfase, ou seja, acontece uma intensa reestruturação da imaginação, pois “de subjetiva ela se transforma em objetiva” (Vygotski, 2009, p. 48).

A partir da mediação com as histórias, foi possível perceber um movimento dos alunos em direção a uma criação original. Primeiro, eles criaram uma pequena história, tal como apresentamos anteriormente e, depois, tiveram a idéia de fazer um livro que eles próprios escrevessem, criassem a história e fizessem todas as partes.

É importante refletirmos que foi possível proporcionar um espaço para se tornarem autores, donos de uma criação. Vygotski fala de uma relação entre imaginação e realidade, a qual consiste na construção de algo completamente novo, que começa a existir no mundo e influir sobre as coisas. Os elementos que são construídos foram “selecionados” da realidade, elaborados e transformados em produtos da imaginação.

Se tomarmos essas considerações como base, percebemos que, na história elaborada para o livro, a relação estabelecida por eles das experiências reais com as imaginárias são guiadas por fatores emocionais. Não podemos deixar de colocar em relevo que a escola vivenciava momentos difíceis com os alunos dos sextos anos, fato que culminou em algumas reuniões de professores e diretores no mesmo momento que realizamos as intervenções. Como acreditamos nas relações enquanto dialéticas, de alguma forma os alunos se apropriaram desse conflito e objetivaram na história que construíram. Isso foi possível graças à mediação proporcionada durante as intervenções.

A mediação durante as intervenções proporcionou dois movimentos: de uma criação original dos alunos, ou seja, a autoria de um livro e voz para que eles expressassem e, de alguma forma, elaborassem os conflitos na mistura da

fantasia com a realidade, tal como propõe Vygotski (2009, p. 30): “ao se encarnarem, retornam à realidade, mas como uma nova força ativa que os modifica”. No entanto, parece difícil aos docentes promover esse tipo de mediação, seja por dificuldades em lidar com os alunos, ou por uma certa restrição deles ao método de ensino que privilegia a “transmissão” de conteúdos da maneira convencional “giz e lousa” na sala de aula, o que, no momento atual, se transforma em um problema para a grande maioria deles. Isso abrange dois aspectos: a formação docente, direcionada para o saber “intelectual”, que os prepara para um tipo de relação unilateral dissociada das demandas emocionais trazidas pelos alunos e as intensas transformações da sociedade ocorridas em vários âmbitos, como social, econômico, tecnológico, geopolítico e outros, que demandam a consideração dessas influências na forma de configurar sentidos e de ser e agir no mundo desses jovens. Todas essas mudanças repercutem numa disponibilidade constante por parte dos docentes em atender ora emocionalmente, ora intelectualmente uma grande quantidade de alunos, e os impedem de utilizar ferramentas e atividades que promovam a imaginação, culminando em demonstrações de angústia e sofrimento frente ao que aparenta certa impotência em relação aos jovens.

Portanto, a partir desse estudo, vemos que um dos papéis do Psicólogo na escola é proporcionar essas mediações para que relacionamentos mais saudáveis sejam construídos e, dessa forma, haja repercussões no processo de formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, L. de L.; BORGES, I.; BLATTMANN, U. A arte-educação como intervenção psicológica. **Revista ACB**, América do Norte, vol.8, n. 1, p. 18-25 ago. 2005. Disponível em: <http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/398/496>. Acesso em: 17 Abr. 2011.

CONTINI, M. de L. J. Psicologia e a construção de políticas públicas voltadas à infância e à adolescência: contribuições possíveis. In BOCK, Ana Maria (orgs). **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, V. L. T. Texto do método de pesquisa do grupo de pesquisa: **Processos de Constituição do sujeito em práticas educativas (PROSPED)** redigido por Vera Lúcia Trevisan de Souza, 2010.

_____. Educação, Valores e Formação de professores: contribuição da Psicologia Escolar. In: MARINHO- ARAÚJO, Claisy Maria (orgs). **Psicologia Escolar: Novos cenários e contextos de Pesquisa, Formação e Prática**. Campinas: Alínea, 2009.

_____. T. **A Interação na escola e seus significados e sentidos a formação de valores**: um estudo sobre o cotidiano escolar. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação), Puc São Paulo, 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A imaginação e a arte na infância:Ensaio Psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka**. São Paulo: Ática, 2009.

ZANELLA, A. V.; MOLON, S. I. Psicologia (em) contextos de escolarização formal: das práticas de dominação à (re) invenção da vida. **Contrapontos**. Vol. 7, n. 2, p.p 255-268, mai/ ago 2007.